

## *Mère Prison* – A prisão de consciências

*Mère Prison* – The prison of consciences

Larissa de Cássia Antine Ribeiro<sup>1</sup>

Resumo: *Mère Prison* é uma peça de teatro da autora guianense Emmelyne Octavie. O texto apresenta a rotina de uma mãe que se submete regularmente a visitas ao sistema carcerário para acompanhar seus dois filhos que se encontram na prisão. Ela vive com o outro filho que se encontra trancado no universo dos videogames. O presente trabalho tem como objetivo analisar a função dos monólogos e dos diálogos dessa obra. Em conjunto eles provocam a experiência participativa do leitor/telespectador. Para tanto, recorre-se aos apontamentos de Ryngaert (1998).

Palavras-chave: Teatro. Monólogo. Diálogo. Drama. Reflexão.

Abstract: *Mother Prison* is a play by Guyanese author Emmelyne Octavie. The text presents the routine of a mother who regularly undergoes visits to the prison system to accompany her children who are in prison. She lives with her other son who is locked in the universe of videogames. This work aims to analyze the role of monologues and dialogues in this work. Together they provoke the reader/viewer's participatory experience. For that, Ryngaert's notes (1998) are used.

Keywords: Theater. Monologue. Dialogue. Drama. Reflection.

---

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná – UFPR; Professora de Língua Francesa no Centro de Línguas - CEL - da UNICENTRO- Irati /PR; Professora Mentora na Universidade Virtual do Paraná (UVPR) no Curso de Especialização em Ambientes de Aprendizagem no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). E-mail: ribeiro.larissadecassia@gmail.com.

## INTRODUÇÃO

*Mère Prision* traz como enredo a história de uma mãe que, duas vezes por semana, enche-se de coragem, respira fundo e vai ao *parloir*. Essa palavra pode ser traduzida como salão, confessionário, parlatório ou locutório (S.BURTIN-VINHOLES, 1938, p. 506). É nesse espaço que entoam as falas que serão colocadas em destaque. Tudo que é dito nesse ambiente irá repercutir por meio de reflexões íntimas e solitárias em outros momentos. Essa mulher nas terças-feiras visita seu primeiro filho na prisão; nas quintas o segundo, também encarcerado, e nesse intervalo convive com o terceiro em sua casa que está totalmente submerso no mundo dos videogames. Percebe-se o quanto o universo prisional atinge a todos. Cada um carrega uma pena específica.

A partir desse título “Mãe Prisão” a mãe ganha a conotação de “prisão”. Nota-se que a escolha pelo substantivo ao invés do adjetivo “prisioneira”, amplia o conceito de maternidade. A maternidade pode representar um cárcere, segundo tal designação. Seguindo essa denominação, como todos tem uma mãe, todos possuem uma prisão específica, subjetiva.

Nessa peça de construção cuidadosa, acompanhamos as barreiras que prendem, as linhas que unem a mãe e seus filhos. Porém, o modo como os entrelaçamentos estão dispostos nos faz questionar o próprio conceito de prisão. Os diálogos se revelam estratégias interessantes para o desenho de cada personagem; no entanto a força dos monólogos ocupa um espaço privilegiado. Eles ocorrem nos momentos de solidão que antecedem ou sucedem as visitas. São as conside-

rações íntimas sobre o que foi ou será dito. No momento dos diálogos, as ideias tecidas nesses monólogos estão ou estarão colocadas à prova. Assim no ato dialógico, as palavras são as ações, pois cada sujeito irá se colocar em determinado posicionamento diante do processo prisional; nos monólogos ocorre a reflexão sobre as condições dessas ações. Esse fluxo de dizer e reconsiderar evidencia as dores, os amores e as amarras que os encarceram.

Todos os filhos exigem a atenção dessa mãe e a reprovam por diversos motivos. Em contrapartida, ela jamais os abandona e espera calada o reconhecimento pela sua dedicação desmedida. Conhece-os, sabe muito bem a diferença daquilo que são e do que julgam ser, mas está fixa no discurso que proferem de maneira crucial. Para que ela consiga ver seus filhos livres, faz -se necessário que se veja liberta de si mesma.

Nos arredores das celas, temos os diálogos entre as mães e o coro dos detentos, mais uma vez o par diálogo-monólogo aparece em potencial. As mães reúnem ideias parecidas que caminham para o fluxo das ações positivas - a espera e a solidariedade compartilhada; os detentos reúnem os julgamentos produzidos pelas consciências delituosas e a expressão de ironia e sarcasmo sobre si mesmos. Além disso, nos deparamos com as reverberações dos pensamentos do guarda que age e simboliza suas ações.

Em *Mère Prison*, o leitor ganha um espaço de participação contínua, pois ele precisa preencher os vazios colocados pela autora que insere, mas não define, aponta mas não explica. Desse modo, é impossível não penetrar nesse cárcere. Ao nos aproximarmos de cada um deles, exercemos a nossa experiência para presentificá-los e compreendê-los de modo próximo. O presente trabalho tem como

objetivo analisar a função dos monólogos e dos diálogos dessa obra. Em conjunto eles provocam a experiência participativa do leitor/telespectador. Para tanto, recorre-se aos apontamentos de Ryn-gaert (1998) que discute o uso dessas estratégias dentro do teatro contemporâneo.

#### ENTRE O PESO DE SER E A MEDIDA DO PARECER

Émmelyne Octavie é uma autora guianense nascida em Caiena em 10 de outubro de 1999. Ela começa a escrever muito jovem e recebe reconhecimento. Laureada com o prêmio inédito da África e outro Mar em 2020 pelo seu texto *Mère Prision*, ganha o Prêmio *Jean-Jacques Lerrant des Journées des auteurs de Lyon* em 2022 pela peça *À contre-courant* que será publicada em 2023 pela editora Lansman Editeur. Ela ganhou o Prêmio *SACD de la Dramaturgie Francophone 2022*. Suas obras trazem todo um universo de pessoas que se situam à margem da sociedade. Em seus textos essas vozes quase sempre ignoradas ou desconhecidas ecoam a tal ponto que chegam a desafiar o leitor/espectador.

*Mère Prision* de modo específico traz questões universais: o papel da mãe dentro da sociedade, o tratamento para quem infringe uma lei, as prisões subjetivas, bem como retrata as individualidades por meio do retrato preciso do fluxo de pensamento de cada uma dessas personagens. Vale ressaltar que fisicamente elas são apenas esboçadas. Não sabemos nem ao menos seus nomes, suas idades, suas características físicas. Mas acabamos por conhecê-las devido a seus pensamentos e comportamentos.

A estrutura lacunar é aqui determinada pela construção da peça que requer o preenchimento participação do leitor a cada instante.

Desde o início, o leitor se depara com a necessidade de participar ativamente, as personagens são apresentadas da seguinte maneira: “*Les personages: Mère, Fils 1, Fils 2, Fils 3, Gardien, Détenu cellule 1, Autre mère, Choeur de détenus. (Aux yeux de auteure, ces moments du chœur, pourraient être accompagnés de performances poétiques et choréografiées.)*” (OCTAVIE, 2020, p. 6).<sup>2</sup>. Observa-se que não há uma descrição subjetiva, o que faz com que as personagens simbolizem uma coletividade. Assim, somos levados a vislumbrar uma cadeia de relacionamentos, pois podemos associar várias identidades a essas figuras evocadas. A indicação cênica que se refere ao coro, permite que o apelo social seja ainda mais acentuado, pois o uso da coreografia e da performance imprime a importância do grupo e de sua perspectiva compartilhada. Dessa maneira, a peça traz para a reflexão o senso comum sobre o significado dessas representações.

A estrutura da obra é organizada por meio da alternância entre diálogos e monólogos, sendo que aqui serão destacadas as funções de ambos. Os primeiros mostram a falta de comunicação e os segundos implicam uma revelação e uma reflexão sobre essa falha de compreensão mútua.

A primeira parte abre-se com o *parloir* da prisão. A mãe vai visitar o filho 1 e a fala de ambos mostra um clima conflitante:

---

<sup>2</sup> Personagens: Mãe; Filho 1, Filho 2, Filho 3, Guarda, Detento da cela 1, Outra mãe, Coro de detentos. (Aos olhos da autora, esses momentos do coro poderiam ser acompanhados de performances poéticas e coreografadas). (OCTAVIE, 2020, p. 6- *Tradução minha*).

*Mardi: Parloir de la prison*

*Fils 1 : (agacé) Arrête de faire ça.*

*Mère : quoi.?*

*Fils 1 :: Ce truc que tu viens faire quand tu te tais. Arrête de faire ça. Ça me stresse. T'es pas venu ici pour te taire.*

*Mère : Est-ce que tu dors bien ?*

*Fils 1 (énervé) : Pose pas des questions idiotes non plus. sinon tais-toi ! T'as cru que c'étais en cinq étoiles ici ? Tu crois quoi ?*

*Mère : Désolée. Je voulais ...*

*Fils 1(doux): T'excuse pas, mamam ! C'est juste que ton fils ne supporte plus d'être enfermé.*

*Mère : Je comprends... (OCTAVIE, 2020, p. 7).<sup>3</sup>*

Nessa cena é possível identificar que esses momentos são de verdadeiros insultos para com essa mãe. Que se faz calada ou diz muito pouco. Seu papel é de acompanhar esse filho que se mostra muito irritado. Mais do que palavras, são as ações de um para com o outro que trazem o drama conflituoso para a cena: ele só acusa e ela só suporta. O preso só pensa em sua situação, é incapaz de perceber a dor dessa mãe. Divide com ela o peso da prisão. Mesmo calmo, ele continua justificando a sua agressividade.

Temos acesso às palavras da mãe somente com a apresentação do seu monólogo. Ela profere um discurso longo, repleto de cenas externas que remetem a sentimentos mais dolorosos:

*Dehors; en attendant le bus*

*Mère : Après le parloir, j'aimerais rentrer à la maison. Prendre une douche. Me frotter fort pour faire disparaître ce que je crois être l'odeur de la prison. Je suis incapable de vous dire quelle odeur c'est.*

---

<sup>3</sup> Terça : Parlatório da prisão

Filho 1 : (irritado) Pare de fazer isso./ Mãe : O quê.?./Fils 1: Essa pegadinha que você faz quando fica quieta. Pare de fazer isso. Me irrita. Você não veio aqui para se calar./ Mãe: Você dorme bem? / Filho 1 (nervoso) : Não faça pergunta idiota. Senão fique quieta! Pensa que isso aqui é um cinco estrelas? O que está pensando? / Mãe : Desculpas. Eu só queria .... / Filho 1(calmo): Não se desculpe, mamãe! é que seu filho não suporta mais ficar trancado./ Mãe : Eu compreendo ... (OCTAVIE, 2020, p. 7 *Tradução minha*).

Mais elle existe. Elle est bien là.. Mais cette douche ne saurait enlever de ma tête le bruit des portes qui s'ouvrent et se referment.  
(OCTAVIE, 2020, p. 10).<sup>4</sup>

Estamos diante de um desabafo. A mãe se revela uma prisioneira, pois mesmo não estando em uma cela, ela carrega o cheiro e o barulho das portas. O odor é um dos sentidos mais sutis, pois ele é bastante próximo da abstração. Não o tocamos, não o vemos, mas o sentimos. Também é assim a prisão para a personagem. Durante o caminho para o trabalho ela pega dois ônibus. No primeiro observa as mães, os filhos e os homens que não estão na condição paterna, distantes. Ela se vê nessas pessoas, reitera a sua situação de mãe solteira. No segundo, observa a liberdade das pessoas, apressadas e apaixonadas, perfumadas. Nesse caso, ela se diferencia do que considera como sinônimo de felicidade. Ela só consegue vislumbrar para si a situação carcereira, vitimada e solitária. Relata trabalhar até mais tarde para compensar o horário da visita na prisão: “*Je finira après tout le monde. Comme tous les mardis. Ainsi va ma peine*”. (OCTAVIE, 2020, p. 10) <sup>5</sup>. Observa-se que essa remissão contínua a sua dor a coloca dentro de um pensamento fixo, asfixiante, recorrente que não a deixa viver outras experiências. E isso nos é fornecido nessa peça através desse monólogo.

Ryngaert (1998, p. 94) afirma: “O monólogo pode ser considerado como uma espécie de limite da escrita dramática, às vezes irritante pelo narcisismo que desvela quando é tratado com ingenuidade, ain-

---

<sup>4</sup> Lá fora ; esperando o ônibus/ Mãe: Depois da visita, eu gostaria de entrar em casa. Tomar um banho. Me esfregar bem até desaparecer esse cheiro que eu creio que é da prisão. Ele está bem aqui ... Mas esse banho não poderia tirar da minha cabeça o barulho das portas que se abrem e que se fecham. (OCTAVIE, 2020, p. 10- *Tradução minha*).

<sup>5</sup> Eu terminarei depois de todo mundo. Como todas as terças. Assim segue a minha pena. (OCTAVIE, 2020, p. 10- *Tradução minha*).

da que frequentemente fascine o público pelo sentimento do risco assumido pelo ator”. Nesses momentos de conversa íntima as personagens apresentam um respiro diante das ações mais tensas vivenciadas por meio dos diálogos. Segundo o teórico: “A utilização dos monólogos após o acontecimento ou fora dele exclui as situações fortes demais, diminui ou elimina o que ele tem de dramático.” (RYNGAERT, 1998, p.98).

Tal recurso é muito recorrente nessa obra, o que possibilita ao leitor ou espectador avaliar e analisar os conflitos de um modo mais amplo, pois todas as personagens ao proferirem seus monólogos acabam que por se aproximar do público, revelam-se e chamam para si a atenção de suas perspectivas, sensações, razões e sentimentos.

Considerando que os diálogos estabelecem os conflitos e os monólogos as reflexões sobre eles, analisa-se nesse momento alguns dos monólogos mais relevantes da obra a fim de estabelecer os entrelaçamentos entre o pensar e o agir.

### ENTRE A FORÇA DO AGIR E A SUTILEZA DO PENSAR

Observamos que o Filho 1 estabelece um relacionamento bastante autoritário com a mãe: a todo momento ele ordena, ameaça e exige um ou outro comportamento dela. Mas quando está diante de si mesmo e passa a pensar na sua vida e nas suas próprias atitudes, ele se revela terno e bastante grato para com a mãe. Ao comparar a atitude dela com a da sua ex-mulher declara:

Therèsa m’a rendu visite quatre fois au parloir. Elle n’a même pas eu le courage d’une cinquième visite pour venir me plaquer. Maman, elle, ne m’a donné laisser tomber. C’est une brave ! C’est ma femme ! Pour le meilleur et pour le pire, même si pour l’instant les barreaux



nous séparent. Je surveillerai le temps pour lui dire: Je t'aime ma petite maman. (OCTAVIE, 2020, p. 31).<sup>6</sup>

Nesse monólogo ocorre a comprovação do quanto esse filho ama a sua mãe e ao mesmo tempo como ele é incapaz de expressar toda a sua ternura por ela.

O segundo filho, se comporta de maneira menos impulsiva, mas não é cordial com a mãe. Sua maior característica é o cálculo e o raciocínio lógico. Foi preso por exercer a função de tesoureiro do tráfico. Segundo as suas palavras: “*Je n'ai rien à voir avec tous ces criminels. Moi : j'suis un matheux. Un scientifique. J'ai la solution à mon problème pour sortir d'ici. Faut juste que maman me donne un coup de main.*” (OCTAVIE, 2020, p. 17)<sup>7</sup>. Ele não sente a culpa pelo crime; ressalta as suas habilidades e sempre declara que precisa da mãe para conseguir o que necessita. Demonstra com essas reflexões o quanto é egoísta, renuncia às responsabilidades e acaba por sacrificar as forças e os recursos dessa mulher mãe a fim de conseguir atingir os seus objetivos.

Quando ela tenta exprimir a sua afetividade, ele a ignora e vai direto ao alvo de suas preocupações: “*Jeudi - parler de la prison. Mère : Je te trouve en pleine forme. Fils 2 : La semaine prochaine, je passe enfin devant le juge des réductions de peine. Tu entends ça*

---

<sup>6</sup> “Therèsa me visitou quatro vezes. Ela não teve coragem de visitar pela quinta para me encarar. Mamãe, essa nunca me deixou cair. É uma guerreira! É a minha mulher! Para o melhor e para o pior, mesmo se neste instante as grades nos separam. Eu acharei o momento oportuno para lhe dizer: Eu te amo minha mãezinha.” (OCTAVIE, 2020, p. 13 - *Tradução minha*).

<sup>7</sup> Eu não tenho nada a ver com esses criminosos. Eu sou um matemático. Um cientista. Tenho a solução para sair daqui. Mas é preciso que mamãe me dê uma mãozinha. (OCTAVIE, 2020, p. 11- *Tradução minha*).

*maman?*” (OCTAVIE, 2020, p. 11).<sup>8</sup> O diálogo fica cada vez mais tenso quando ele descobre que ela não conseguiu pagar tudo ao advogado que o defende: “*Fils 2: Maman, tu déconnes? Tu sais bien que je n’aime pas devoir. J’aime pas des dettes. Arrange-toi pour payer rapidement. Faut pas que tu merdes ce coup. J’ai besoin de toi, mamam. Tu entends?*” (OCTAVIE, 2020, p. 11)<sup>9</sup>. A fala revela o seu raciocínio claro e objetivo, ao mesmo tempo, é frio e desumano. Obrigando-a a pagar a sua dívida, ele tenta saldar seus débitos para com a sociedade, mas não observa o quanto está endividado para com a sua própria matriarca. Explora-a, justificando que uma mãe tem uma responsabilidade eterna para com seus filhos.

Quando ela falta à visita do irmão, pela primeira vez depois de anos, ele a acusa de modo bastante cruel. Coloca-a na posição de alguém que infringe uma lei social: “*Maman est libre. Tout le monde a vu. Tout le monde parle ici. Tous quartiers seront au courant avant même la promenade. FAIT DIVERS EN PRISION. UNE MÈRE ABANDONNE SES GARÇONS.*” (OCTAVIE, 2020, p. 37).<sup>10</sup> A notícia dessa mãe que falta à visita é retratada como uma manchete de um jornal sensacionalista. Ele alardeia e julga, tal como um jornalista tendencioso que quer chocar com as suas palavras. O fato de ela ser

---

<sup>8</sup> Quinta – parlatório da prisão. Mãe : Você está com uma ótima aparência. Filho 2 : Semana que vem, eu passo enfim pelo juiz de redução de penas. Você está escutando, mãe? (OCTAVIE, 2020, p. 11- *Tradução minha*).

<sup>9</sup> Filho 2: Mamãe, você está brincando? Você sabe muito bem que eu não gosto de ficar devendo. Não gosto de dívidas. Dê um jeito para pagar tudo rapidamente. Não vá estragar essa chance. Eu preciso de você mamãe . Está escutando ? (OCTAVIE, 2020, p. 11- *Tradução minha*).

<sup>10</sup> Filho 2: Mamãe é livre. Todo mundo viu. todo mundo fala aqui. Por todos os cantos corre a notícia antes mesmo do fato acontecer. MANCHETE NA PRISÃO: UMA MÃE ABANDONA SEUS FILHOS. (OCTAVIE, 2020, p. 37 - *Tradução minha*).

livre é retratado de maneira bastante negativa e maldosa. Ele quer que ela sinta culpa pela condição desses filhos criminosos.

Em contrapartida, à meia-voz, , ela reclama: “*Les hommes que vous êtes devenus n’ont plus rien de l’enfance.*” (OCTAVIE, 2020, p. 13)<sup>11</sup>. A fala se remete não apenas à vida adulta e as suas responsabilidades, mas também implica o reconhecimento da inocência desses filhos. Assim, ela mesma os condena. Observa-se que não há uma compreensão mútua. O filho repete várias vezes a expressão: “você está entendendo?”. Ela o enxerga como responsável pelos seus atos, enquanto ele tenta provar sua inocência por meio de planos e raciocínios lógicos.

Com o filho 3 também ocorre uma sequência de incompreensões. Quando ela retorna para a casa, sem ânimo e sem as compras, esse reclama: “*Au lieu de rapporter des courses tu rapportes sur toi l’odeur Prison j’adore! Ça tout la gerbe et moi. J’ai faim dans tout ça.*” (OCTAVIE, 2020, p. 15)<sup>12</sup>. Ele também exige dela , utiliza-se da ironia, brincando com o famoso perfume *J’adore*, recorre ao cheiro da prisão e da injustiça pois, a partir dessa concepção, a mãe se doa para os detentos com enlevo e o deixa de lado. A fome que ele tem do amor de mãe está expressa por meio da fome física. Em conversa com si mesmo, declara:

Du jour au lendemain je suis devenu l’homme de la maison sans mode d’emploi. Sans aucune préparation. Je veille sur maman, J’évite les conneries et j’évite les copains. J’évite aussi les filles. J’évite la vie. Je reste longement assis sur ce canapé pour ne faire de mal à personne,

---

<sup>11</sup> “Os homens que vocês se tornaram não têm mais nada de infantil. ” (OCTAVIE, 2020, p. 13 - *Tradução minha*).

<sup>12</sup> Ao invés de trazer as compras, você traz a fragrância Prisão que eu adoro! O que se espalha e se aproxima de mim. E eu só tenho fome nisso tudo. (OCTAVIE, 2020, p. 15 – *Tradução minha*).

soutout pas à maman. Elle finira par craquer, c'est sûr. J'ai vu ça à la télé. Je me prépare pour ce jour-là. Maman aura encore plus besoin de moi." (OCTAVIE, 2020, p. 29).<sup>13</sup>

Ela o responde por meio de sua visão analítica, mas o filho não a compreende: "*Mère: On a tous dans la vie une porte de prison qui nous pend au nez.*" (OCTAVIE, 2020, p. 15).<sup>14</sup> Dessa forma, alerta-o para os conflitos humanos que impedem a liberdade plena dos sujeitos.

Os monólogos imprimem a revelação desse olhar interior, o qual é posto à prova por meio dos diálogos. O filho 1, sozinho, compreende a sua impulsividade desmedida e até mesmo se compromete a melhorar seu comportamento. Porém, é nos diálogos que ele realiza o contrário. Em uma das cenas mais fortes, humilha tanto a mãe porque essa vai visitá-lo, mais arrumada do que o costume, mas instantes antes, refletia sobre a sua maneira de agir.

Fils 1: Le mardi c'est parler. Je vois ma mère. Je sais qu'elle a honte parce que moi j'ai honte de moi. Honte de la faire venir ici, mais au lieu de dire à ma mère, maman je t'aime, merci à mardi prochain, la honte me glifle tellement fort que je déconne sur maman. Je déverse ma violence carcérale sur cette pauvre dame. (OCTAVIE, 2020, p. 25)<sup>15</sup>

---

<sup>13</sup> "De um dia para o outro eu me tornei o homem da casa sem manual. Sem nenhuma preparação. Eu cuido da mamãe. Evito os divertimentos, evito os amigos e evito as garotas. Eu evito a vida. Fico longamente sentado nesse sofá para não fazer mal a ninguém, sobretudo à mamãe. (...) Ela terminará por desabar, é certo. Eu vi isso na tevê. eu me preparo para esse dia. Mamãe terá ainda mais necessidade de mim. (OCTAVIE, 2020, p. 15 *Tradução minha*).

<sup>14</sup> "Mãe: Todos temos uma porta de prisão bem em nosso nariz." (OCTAVIE, 2020, p. 15 *Tradução minha*).

<sup>15</sup> Filho 1: Terça é dia de visita. Eu vejo a minha mãe. eu sei que ela tem vergonha porque eu tenho vergonha de mim. Vergonha de a fazer vir aqui, mas ao invés de dizer a minha mãe, mamãe eu te amo, obrigado até terça que vem, a vergonha me fere tão fortemente que eu a desmereço. Eu despejo

Observa-se a consciência dos atos, a reflexão sobre as ações e a falta de controle. Há uma honestidade nessas palavras. As expressões: “minha mãe” e “mamãe” são repetidas várias vezes, o que acarreta a representação da emoção, acentuada pela descrição “pobre senhora”. Essas escolhas denotam uma forte afetividade e valorização do esforço dessa mãe. Entretanto, diante de sua presença, somente a violência é posta em cena:

*Fils 1: Comprends ça, si moi ici je ne peux pas être beau, tois dehors, t’as pas le droit de te faire belle. J’ai besoin de sentir que tu partages ma peine. Tu as tout gaché, maman. Et dire que je voulais blottir mes mots tout contre toi. Gardien ! (OCTAVIE, 2020, p. 26)<sup>16</sup>*

Esse filho mostra entre o monólogo e o diálogo, seu bloqueio em ser amoroso, tem medo de mostrar a sua afeição, por isso sempre encontrará algum motivo para expressar a sua violência. O fato de a mãe ter se arrumado para visitá-lo, despertou-lhe a sua situação subalterna, de preso fragilizado - bela e livre, ela possui uma grande vantagem sobre ele.

Mas essa mãe confessa, novamente, a sua própria prisão interna. Em um monólogo indica, por meio de uma profunda análise, como essa prisão teve início: *“Moi, je n’ai eu le luxe de la préférence. Un jour, mon téléphone sonne, je décroche, ne comprends rien et depuis ma vie est en attente. L’enterrement, lui, ne dure qu’une fois. Alors,*

---

minha violência carcerária sobre essa pobre senhora. (OCTAVIE, 2020, p. 15 - *Tradução minha*).

<sup>16</sup> Filho 1: Compreenda isso: se eu aqui não posso ser belo, você lá fora, não tem o direito de ficar bonita (foge do tom informal = ficar bonita?. Eu preciso sentir que você divide comigo a minha pena. Você estragou tudo, mamãe. E pensar que eu queria te dizer doces palavras. Guarda! (OCTAVIE, 2020, p. 26 - *Tradução minha*).

*je me suis faite belle pour ne plus me détester moi-même. Pour ne pas être deuil.*”(OCTAVIE, 2020, p. 27).<sup>17</sup>

O trecho tece a comparação entre a prisão e a morte. Para ela, essa condição de espera é um desfalecer contínuo. O passado é expresso com o tempo presente, o que aproxima o momento em que recebe a ligação e presentifica a eterna condição de espera pela liberdade dos filhos. O fato de ela ter se arrumado, é descrito como uma iniciativa diante dessa sentença. Como se não mais sofresse passivamente, decide agir, cuidar de si, não apenas dos filhos, sentir-se viva, autora de seus próprios atos.

Após essa concepção, ela contradiz o seu discurso reflexivo, assumindo a responsabilidade materna: “*Ces mêmes fils que la justice m’a pris étaient avant blottis dans mon ventre. Ils sont passés des barreaux des berceaux à ceux de la prison. À croire que je n’ai pas prié Dieu assez fort.*” (OCTAVIE, 2020, p. 27).<sup>18</sup> Com tal confissão, a mãe recai na não aceitação das prisões, não compreende como os filhos se tornaram bandidos. Acusa à justiça e ainda se intitula como não merecedora da misericórdia divina. Esse olhar que descreve é bastante autopunitivo, o que não lhe permite dar continuidade a atitudes positivas. Em conjunto, os monólogos acusam a sua duplicidade de consciência.

---

<sup>17</sup> Eu, eu não tive o luxo da preferência. Um dia, meu telefone toca, eu atendo, não compreendo nada e desde então minha vida está esperando? Um enterro não passa de uma única vez. Então eu me fiz bela para não me detestar mais. Para não mais estar em luto. (OCTAVIE, 2020, p. 27 - *Tradução minha*).

<sup>18</sup> Esses mesmos filhos que a justiça me prendeu, estavam antes aconchegados em meu ventre. Eles passaram das grades dos berços para as grades da prisão. Deve ser porque eu não roguei o suficiente a Deus. (OCTAVIE, 2020, p. 27 - *Tradução minha*).

O mesmo ocorre quando decide não fazer a visita ao filho 1 pela primeira vez: *“Une mère suporte plus qu’elle ne devrait. Aujourd’hui, pour la première fois depuis plusieurs années, je reprends ce qui m’appartient. Ma part de ma liberté.”* (OCTAVIE, 2020, p. 27)<sup>19</sup>. Ela ganha autonomia e consegue agir de maneira assertiva, sabe-se mais livre. Mas na sequência, retoma a posição de prisão ao cair em desânimo e desespero: *“C’est comme je n’étais partie nulle part au final. Je n’ai rien oublié de la présence insoutenable de ces portes, ce bruit ! Il n’y a pas de barreaux ici. Il n’y a que des portes. Des centaines de portes...”* (OCTAVIE, 2020, p. 39)<sup>20</sup>. Ocorre o desabafo e a sensação de estar presa vem à tona de maneira muito clara. As portas são intransponíveis. Vê-se um sujeito machucado, que precisa curar as feridas e os traumas para conseguir resgatar a sensação de liberdade.

Após toda essa demonstração de alternância entre os diálogos e monólogos, o que permitiu ao leitor/espectador conhecer as contradições de cada uma das personagens, a autora nos fornece um exercício interessante: imaginar as últimas reflexões dessa mãe.

Na cena final ocorre o encontro simultâneo entre ela e os dois filhos presos. Têm-se a tensão e a tentativa de uma nova configuração a respeito do fato de ela ter faltado à visita. Eles tentam assegurar o domínio, porém no fim esperam a contrapartida dela, o seu pronunciamento:

---

<sup>19</sup> Uma mãe suporta bem mais do que deveria. Hoje, pela primeira vez desde muitos anos, eu retomo o que me pertence. Minha cota de liberdade. (OCTAVIE, 2020, p. 31 - *Tradução minha*).

<sup>20</sup> É como se eu tivesse partido para lugar algum no fim das contas. Eu não esqueci da presença insustentável dessas portas. Esse barulho! Não tem mais nada além de barreiras aqui. Não tem nada além de portas. De centenas de portas. (OCTAVIE, 2020, p. 39 - *Tradução minha*).

*Fils 1: (la en coupant violement) On t'as pas donné la parole.*

*Fils 2: Ya des règles ici, même pour les visiteurs.*

*Fils 1: Est-ce que c'est bien compris, MAMAN?*

*(La mère arrange sa larme et secoue la tête).*

*Fils 2: C'est bon. Je crois qu'elle a compris.*

*Fils 1: Maintenant, on écoute. Tu voulais nous dire quelque chose MA-MAN?*

*(Noir final brusque). (OCTAVIE, 2020, p. 27).<sup>21</sup>*

A peça é finalizada de maneira abrupta. Desse modo, cabe a nós imaginarmos as palavras finais e nos questionamos: um fim seria mesmo necessário ou apenas a experiência vivida durante o acompanhamento das personagens já seria o suficiente? Cabe a nós dar uma resolução para esses dilemas apresentados? Compreender a situação de cada um é a oportunidade que nos é ofertada. Se a aceitamos tornando-nos mais humanos e acessíveis às peculiaridades alheias. Dessa maneira, podemos até mesmo nos tornar menos prisioneiros dos outros e de nós mesmos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da leitura da peça é possível nos deter nas funções dos diálogos e dos monólogos. Os primeiros instauram os conflitos; os segundos nos dão acesso às intimidades e reflexões de cada uma das personagens. Em conjunto, eles fornecem as possibilidades de participação consciente desse leitor. Temos condições de julgar, analisar,

---

<sup>21</sup> *(cortando violentamente a fala da mãe)* Filho 1: Nós não te demos a palavra! / Filho 2: Existem regras aqui, até para os visitantes. / Filho 1: Está entendido, MAMÃE? (A mãe enxuga a lágrima e segura a cabeça). / Filho 2: Está bem. Eu acho que ela entendeu. / Filho 1: Agora, a gente escuta. Você queria nos dizer alguma coisa, MA-MÃE? / Escuro. Final brusco. (OCTAVIE, 2020, p. 40 - Tradução minha).



porém antes de tudo, podemos sentir o peso de cada uma dessas complexas experiências.

Com relação aos monólogos, eles são de extrema relevância, inclusive são exercidos até mesmo pelas personagens periféricas. O guarda mostra-nos todo o cenário carcereiro por meio de suas colocações pessoais:

*J'ai vu des hommes grandir en prison. J'en ai vus d'autres vieillir. Des hommes devenir tombe. Je donne des ordres et je fouille des hommes qui auraient pu être mon père. Je suis le gardien du temps. Je confisque. Je vol aux enfants leurs parents. Répercussions dehors, des gamins privés d'affections. Je rappelle à l'ordre. (OCTAVIE, 2020, p. 20).<sup>22</sup>*

Observa-se nessa fala não somente a função social do guarda, mas o peso de uma culpa. É ele que de certa forma impede a convivência das crianças com os seus pais. Além disso, observa a transformação dos presidiários, bem como o passo lento em direção de sua ruína, diariamente. A declaração é uma lástima por presenciar esses destinos tão tristes e irremediáveis. Seu pronunciamento é uma crítica ao sistema prisional que degenera os sujeitos, ao invés de reeducá-los para a reinserção social.

O coro dos detentos também exerce o papel interessante de pronunciamento público. Essas vozes ecoam dentro e fora da prisão, tal como um inconsciente coletivo que reverbera: *“La guerre, c'était demain! N'oublie pas ceux qui ne t'ont pas oubliés. Ceux qui dehors*

---

<sup>22</sup> Eu vi homens crescer na prisão. Vi outros envelhecer. Homens se tornarem tumba. Eu dou ordens e revisto homens que poderiam ter sido meu pai. eu sou o guardião do tempo. Eu confisco. (OCTAVIE, 2020, p. 20 - *Tradução minha*).

Eu roubo os pais das crianças. A guerra seria amanhã! Não esqueça aqueles que não te esqueceram. E quando chegar o dia da partida, não esqueça esses questão aqui no fundo. (OCTAVIE, 2020, p. 32 - *Tradução minha*).

*t'attendent. Et quand viendra le jour du départ, n'oublie pas ceux d'un fond.* (OCTAVIE, 2020, p. 32).<sup>23</sup> Esses pensamentos que ecoam e ficam no ar; acompanhando toda a trajetória desse enredo.

Como as personagens não são nomeadas, a significação desses monólogos apresentados expande-se. Tais reflexões e pensamentos são compartilhados e repetidos, por sujeitos similares que descrevem as mesmas posições diante do cenário coletivo.

## BIBLIOGRAFIA

BURTIN-VIGNOLE, S. **Dicionário – Francês-Português Português-Francês**. Livraria do Globo; Porto Alegre, 1938.

OCTAVIE, E. **Mère prison**. Lansman Editeur. Manage, 2020.

RYNGAERT, Jean Pierre. **Ler o teatro contemporâneo**. Trad.

Andréa Stahel M. da Silva: Martins Fontes. São Paulo, 1998.

---

<sup>23</sup> Eu vi homens crescer na prisão. Vi outros envelhecer. Homens se tornarem tumba. Eu dou ordens e revisto homens que poderiam ter sido meu pai. eu sou o guardião do tempo. Eu confisco. Eu roubo os pais das crianças. A guerra seria amanhã! Não esqueça aqueles que não te esqueceram. E quando chegar o dia da partida, não esqueça esses aqui no fundo. OCTAVIE, 2020, p. 32 - *Tradução minha*).